



GT 69. Práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental

Coordenador(es):

Érica Quinaglia Silva (UNB - Universidade de Brasília)

Sônia Weidner Maluf (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1

Debatedor/a: Ana Paula Müller de Andrade (Universidade Estadual do Centro Oeste -UNICENTRO)

Este Grupo de Trabalho (GT) visa a reunir pesquisas que abordem práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental. A proposta comporta, de um lado, abordagens das práticas de autoatenção e cuidado, itinerários, agenciamentos sociais, saberes locais e/ou tradicionais como estratégias de sujeitos e coletividades para vivenciar e agenciar o processo de saúde-adoecimento mental; e, de outro, políticas públicas e ações do Estado, processos de institucionalização e/ou desinstitucionalização, redes de atendimento, políticas pretensamente universais e seus mecanismos discricionários nos modos desiguais de distribuição de direitos, incluindo as mudanças na política nacional de saúde mental e de álcool e outras drogas desencadeadas desde 2016. Assim, etnografias do Estado e das políticas públicas, em serviços de saúde mental e instituições psiquiátricas, sobre itinerários, histórias de vida, práticas de usuários, familiares e profissionais da saúde são alguns temas previstos. Gênero e sexualidade, raça, classe, etnia, geração e deficiência são alguns dos marcadores sociais que serão considerados nas discussões do GT. A intenção é proporcionar a interlocução entre trabalhos que apresentem reflexões baseadas em pesquisas e/ou experiências que contribuam para a ampliação da compreensão das questões atinentes aos processos de sofrimento, aflição, perturbação e/ou adoecimento no campo em questão, suas práticas, políticas e discursos a partir de um olhar antropológico.

Feminilidade e patologização dos afetos

Autoria: Ana Paula Marcelino da Silva (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Este work põe em diálogo as performatividades de gênero no campo afetivo e a saúde mental das mulheres, a partir da análise de depoimentos em um grupo do Facebook chamado MADA...Mulheres que Amam Demais Anônimas. O grupo é uma versão online dos grupos homônimos de ajuda mútua que existem no Brasil desde o ano 2000, baseados no livro *Women Who Loves Too Much*, de Robin Norwood. Para entender como as relações de gênero também fazem parte do conjunto de práticas rituais ou simbólicas que Hobsbawn e Ranger classificaram como "tradições inventadas", e como essas práticas influenciam diretamente o processo de adoecimento das MADA, analisamos os depoimentos e comentários nas publicações do grupo. A forma como a repetição de determinadas normas de comportamento feminino cria um arcabouço de expectativas em torno da "função" da mulher na sociedade é determinante para o surgimento de uma MADA, pois, se de um lado temos uma dinâmica social incessante de uma busca por autonomia, de outro temos a necessidade que essas mulheres têm de respaldar as práticas milenares que limitam sua autonomia. A dinâmica do MADA é baseada nos 12 passos dos Alcoólicos Anônimos. De acordo com o site oficial do grupo, são realizadas reuniões presenciais para que as mulheres compartilhem suas experiências num tempo determinado. No entanto, diferentemente do alcoolismo, o "amor patológico" não é uma doença clinicamente reconhecida, mas a forma que essas mulheres encontraram para caracterizar seu sofrimento. No caso do grupo online, a discussão é mais complexa, visto que há uma "liberdade" maior de participação no grupo. Apesar disso, o objetivo é semelhante ao do grupo físico. Para uma MADA, os dispositivos de controle que a medicina estabeleceu ao longo de séculos servem ora como instrumentos para um "autodiagnóstico", e com



isso reforçam o controle ao qual foi sempre submetido o corpo feminino; ora como ferramenta para que as próprias mulheres deem sentido ao seu sofrimento, num movimento de autonomia que ultrapassa as perspectivas do campo médico-psicológico. Tomaremos a noção de dispositivo amoroso que, conforme a definição de Navarro-Swain, se insere como elemento adicional para pensar as relações de poder através do dispositivo da sexualidade, de Foucault. A análise dos depoimentos na página do MADA a partir de uma perspectiva antropológica nos leva a problematizar até que ponto, em pleno século XXI, nós, mulheres, ainda somos controladas por normas de comportamento socialmente construídas que causam sofrimento. Todavia, ao mesmo tempo, grupos como o MADA são exemplos de práticas de autoatenção e cuidado cada vez mais importantes para compreender a perspectiva social de transtornos mentais, tenham eles ou não respaldo médico-psicológico.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: